

Imersos numa crise sanitária e política vivemos movimentos que negam as artes e diferentes formas de manifestações e representações da vida. Compreender as produções artísticas e suas diversas linguagens para a vida humana é fundamental para modos como manifestamos, representamos e narramos a vida através da pintura, da música, do teatro, da literatura e do cinema, mas também da preservação de equipamentos culturais múltiplos – museus, galerias, cinemas, teatros, parques, etc.

As narrativas e suas relações com a memória são potentes para preservação da história e da memória de uma sociedade, cuja arte e seus equipamentos exercem um papel central.

O que vivemos no Brasil é contrário ao que se observa em grande parte do mundo, em relação aos investimentos em artes, à compreensão da arte como manifestação da vida e como narrativas outras do cotidiano, das memórias, dos patrimônios culturais e da memória. Assitimos, atônitos uma política de desmonte e de desfinanciamento da vida-artes, cujas consequências são catastróficas. Inicia pela ausência de clara política pública de apoio para a classe artística, bastante acometida pela pandemia, além da negação de financiamento de forma ampla para as diferentes linguagens e ações capilarizadas por coletivos no país. Tal constatação, ganha relevo com a extinção do Ministério da Cultura e sua transformação em Secretaria Especial de Cultura (SECULT) no atual governo, alocada no Ministério do Turismo, além das nomeações para a Secretaria, com ações pírias e que pouco interferem positivamente para a valorização e reconhecimento do campo com estruturante da história e da memória do país.

Outro fato atoreceder que vivenciamos no final de julho do corrente ano foi o incêndio em um galpão da Cinemateca de São Paulo, órgão

do governo federal, gerado por negligência e falta de prioridade na gestão de equipamentos culturais, de memória e guarda do país. O crime do incêndio implica em destruir parte da história e da memória audiovisual, especialmente, pela perda de parte do acervo da Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme), do Instituto Nacional de Cinema (INC) e do Conselho Nacional de Cinema (Concine), além de documentos do cineasta Glauber Rocha e acervos outros, mobiliários e equipamentos de cinema, o que, sem dúvidas, de forma proposital, reafirma ações de desmonte e de negação da educação e da cultura como bem fundamentais para a preservação da memória, apropriações da história e da identidade nacional.

É neste contexto que a Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (RBPAB), publica o *Dossiê Narrativas (auto)biográficas no cinema*, coordenado por Renato Izidoro da Silva da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e por Inês Assunção Castro Teixeira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O dossiê reúne trabalho de pesquisadores que vêm se dedicando ao tema, ao buscarem contribuir com análises que cruzam narrativas (auto)biográfica e cinema, numa perspectiva transversal e de diálogos teóricos, metodológicos e formativos da arte cinematográfica no cotidiano. As análises apresentadas nos textos que compõem o dossiê entrecruzam narrativas e histórias de vida de diretores, de personagens ficcionais e de documentários individuais e coletivos, de modos de apropriações de compreensões formativas e de aprendizagens biográficas no e com o cinema, mas também suas interfaces com a educação.

A Seção Artigos integra 9 textos, os quais discutem questões relacionadas a análise de narrativas, narrativas no contexto da pande-

mia e modos como professores se reinventam e aprendem no contexto das aulas remotas. Outra temática que emerge nos textos volta-se para discussões sobre vida-morte e finitude da vida, além de enfoques sobre projetos de vida e profissionais de jovens no acesso a universidade e da trajetória profissional de enfermeiro auditor. A seção é concluída com dois textos que se centram na dimensão formativa dos memoriais, no contexto da alfabetização intercultural e da narrativa de uma militante amazônica.

A seção inicia com o texto *A espiral do tempo como um dispositivo de análise para narrativas, (auto)biografias, trajetórias de vida e história oral*, de Cláudia Rodrigues do Carmo Arcenio e Patrícia Bastos de Azevedo, que problematiza aspectos sobre um dispositivo de análise que se configura na representação gráfica de percursos e trajetórias temporais da vida, que as autoras nomeiam de espiral do tempo.

André Plez Silva e Milena Moretto apresentam o texto *A memória de futuro e o ato de narrar como princípio constitutivo do sujeito professor*, ao analisarem entrevista narrativa de um professor da área de Linguagens do Instituto Federal de São Paulo, com o objetivo de apreender singularidades narrativas e modos como o sujeito torna-se professor. O texto ancora-se em princípios da filosofia da linguagem de Bakhtin e de seu Círculo, investigando a natureza social da linguagem, a questão das relações dialógicas, da memória de passado, presente e futuro, como forma de ressignificar o percurso formativo e profissional do entrevistado.

O artigo *Expressões da pandemia: metamorfoses e possibilidades de mulheres migrantes*, de Suélen Cristina de Miranda e Diane Portugueis, parte de Noções conceituais da Psicologia Social Crítica e analisa disposições do fenômeno migratório feminino em articu-

lação com arranjos históricos, sociais e políticas que estabelecem lugares para o “outro” na sociedade patriarcal capitalista. A discussão ganha forma quando se cruza o fenômeno migratório feminino no contexto da pandemia e as transformações geradas nestes movimentos de fluxos e de reinserções. As autoras tomam como *corpus* de análise narrativas de duas mulheres imigrantes, uma peruana no Brasil e uma brasileira na Alemanha, desvelando ambivalências, lutas interiores e/ou autodeterminação das narradoras e suas histórias de vida-migração.

A temática da pandemia prossegue com a abordagem desenvolvida no texto *Narrativas de resiliências: implicações da pandemia na prática docente de mulheres*, de autoria de Robson Lima de Arruda e Robéria Nádia Araújo Nascimento, que problematizam demandas outras associadas aos professores e professoras no contexto do trabalho remoto e da reinvenção da vida e, também, do trabalho docente, diante da crise sanitária e pandêmica que todos somos acometidos. A centralidade do texto incide em discussões relacionadas à dinâmica de gênero no âmbito da docência, especialmente das condições de polivalência e sobrecarga de trabalho de cinco professoras. Avança com a discussão sobre a pandemia o artigo *A precariedade humana em tempos de pandemia: meditações insólitas sobre a finitude da vida*, de Euler Renato Westphal, ao problematizar aspectos relacionados a disposição moral e a humanização da formação médica, em articulação e possível equilíbrio entre competência técnica e discernimento ético. Temas como precariedade da condição humana e da medicina são abordados em articulação com a vida-morte no cenário da banalização e do desperdício da vida (BUTLER, 2019)¹, implican-

1 BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

do o autor a refletir sobre processos de humanização da formação médica e da morte e o morrer, mas também do cuidado na experiência da pandemia.

O texto seguinte intitula-se *Trajetória profissional de enfermeiras auditoras: oportunidades, desafios e motivações na escolha profissional*, de Magali Beatris da Silva Monteiro e Maria Angela Boccara de Paula, quando as autoras discutem modos de configuração e atuação da Auditoria de Enfermagem (AE), como uma profissão pouco conhecida na área da Saúde, bem como a prática do enfermeiro auditor. Ancoradas em princípios do método biográfico-narrativo e da realização de entrevistas narrativas com enfermeiros auditores que exercem a profissão em instituições públicas e privadas, possibilitando-as, através de biogramas dos entrevistados identificar incidentes críticos inscritos na trajetória formativa e profissional dos entrevistados.

Os dois textos finais da seção voltam-se para discussões do uso de memoriais e da escrita de si como perspectivas de si como práticas de formação e de construção de saberes. Em *Alfabetização intercultural: os memoriais indígenas como fontes de saberes para a educação*, Josélia Gomes Neves sistematiza modos como utiliza os memoriais no processo de alfabetização intercultural de indígenas em Ronônia, configurando-se como um dispositivo formativo voltado para a compreensão do ingresso na cultura escrita em contextos indígenas, bem como conhecer as experiências indígenas no âmbito das aprendizagens iniciais

da escrita. Encerra a seção o artigo *Memórias de uma militante amazônida*, de Arminda Rachel Botelho Mourão, mobilizando reflexões e trajetórias formativas da autora, sua constituição pessoal-profissional, sua inserção na vida acadêmica e na militância em defesa de uma vida e uma sociedade igualitárias. Escolhas, marcas, percursos e trajetórias formativas e profissionais são narrados pela autora e revelam modos como se constituiu professora em suas injeções institucionais, na relação com os pares, com os alunos e nos processos de ensinar-aprender.

O volume que apresentamos ao partilhar leituras sobre a sétima arte e suas interfaces com a vida, com processos criativos, com histórias de vida de diretores, com análise de personagens e de filmes, contribui para alargar discussões relações outras sobre narrativas (auto)biográficas e cinema. Os textos publicados na seção Artigos inscrevem-se numa diversidade de abordagem e de narrativas, com ênfase na análise de narrativas, de refigurações do trabalho docente na pandemia e da utilização de memoriais como dispositivo de pesquisa-formação experiencial.

Desejamos que o volume que publicamos possa contribuir com outros estudos e práticas de formação que adotam o cinema como manifestação e representação da vida em um cenário de desinvestimento das artes e da defesa da cultura e das narrativas que dela advém.

Massarandupió, inverno de 2021
Elizeu Clementino de Souza